

A CONSTRUÇÃO DO DESCONFORTO EM “MIDSOMMAR: O MAU NÃO ESPERA A NOITE” DE ARI ÁSTER

Clara Antonini¹

claraantonini.as@gmail.com

Resumo

Uma análise fílmica sobre a construção do desconforto no filme "Midsommar", explorando como os elementos narrativos e visuais contribuem para criar uma atmosfera perturbadora, que provoca o espectador em múltiplos níveis. O foco central recai sobre a construção da personagem principal, Dani, examinando suas motivações, transformações e decisões ao longo da trama. Além disso, a análise busca estabelecer conexões entre a narrativa da obra e conceitos das teorias de Sigmund Freud, destacando como esses conceitos ajudam a interpretar o estranhamento e o desconforto psicológicos e culturais presentes no filme.

Palavras-chave: *Midsommar; cinema; desconforto; Freud; análise fílmica.*

Abstract

A filmic analysis of the construction of discomfort in the film "Midsommar", exploring how narrative and visual elements contribute to creating a disturbing atmosphere, which provokes the viewer on multiple levels. The central focus is on the construction of the main character, Dani, examining their motivations, transformations and decisions throughout the plot. Furthermore, the analysis seeks to establish connections between the work's narrative and concepts from Sigmund Freud's theories, highlighting how these concepts help to interpret the psychological and cultural estrangement and discomfort present in the film.

Keywords: *Midsommar; cinema; discomfort; Freud; film analysis.*

102

¹ Trabalho orientado por: Prof. Dr. Simplício Neto (simplicio.sousa@espm.br).

1. Introdução

O cinema, como forma de arte, tem o poder singular de evocar emoções e sentimentos complexos nos espectadores. No caso de filmes que se inserem no gênero do horror ou do suspense psicológico, essa capacidade é ainda mais evidente, uma vez que esses gêneros frequentemente exploram temáticas que desafiam sensações muitas vezes inquietantes e desconfortáveis. Entre essas obras, "Midsommar" (2019), dirigido por Ari Aster, destaca-se como uma produção que utiliza o desconforto e o estranhamento de uma forma diferente para construir sua narrativa. Filmes de terror tradicionais, frequentemente recorrem a sustos repentinos ou elementos sobrenaturais explícitos, "Midsommar" se apoia em rituais culturais desconcertantes, relações disfuncionais e a moral para criar uma atmosfera de tensão crescente. Essa estratégia posiciona o filme como um formato interessante de estudo da psique humana e das dinâmicas de desconforto coletivo.

Este artigo tem como objetivo principal analisar como o desconforto é construído em "Midsommar", tanto em nível narrativo quanto estético, focando especialmente na trajetória da personagem principal, Dani, e na maneira como suas transformações psicológicas e emocionais dialogam com os eventos do filme. A análise proposta considera a interação entre a construção do personagem, os elementos simbólicos presentes no enredo e as escolhas estilísticas do diretor. Esses aspectos serão analisados para entender como o filme manipula o desconforto como uma ferramenta narrativa e emocional que impacta diretamente a experiência do espectador.

Para embasar essa análise, será adotada uma abordagem interdisciplinar que combina conceitos da psicanálise freudiana com métodos de análise fílmica e narrativa. Em particular, as teorias de Sigmund Freud sobre o estranhamento, desenvolvidas em textos como "Totem e Tabu" e "O Estranho", serão utilizadas para interpretar as dinâmicas de desconforto psicológico e cultural apresentadas no filme. Freud argumenta que o "estranho" (ou *unheimlich*) surge quando algo familiar é transformado em algo ameaçador ou perturbador. Essa noção será aplicada para compreender como "Midsommar" constrói situações que, embora inseridas em um contexto de ritualismo cultural aparentemente normalizado pelos habitantes da vila de Harga, geram uma desconexão e um incômodo visceral no público.

Além disso, a análise focará em três cenas principais do filme que ilustram diferentes formas de desconforto: o sacrifício da “idade limite”, a coroação de Dani como Rainha de Maio e a cena de nudez explícita durante o ritual de acasalamento. Cada uma dessas cenas será discutida em relação a seus elementos narrativos, simbólicos e cinematográficos, destacando como o filme utiliza essas situações para construir um desconforto ligado a crenças internalizadas pelo espectador junto dos personagens.

A metodologia adotada neste artigo é estruturada para oferecer uma análise abrangente e integrada de "Midsommar", combinando a análise de cenas específicas com uma leitura teórica fundamentada. Essa abordagem permite identificar não apenas os elementos que geram desconforto, mas também as razões subjacentes para a eficácia dessas estratégias na construção da experiência do espectador.

Por fim, o artigo pretende demonstrar que o desconforto em "Midsommar" não se limita ao visual ou ao grotesco, mas opera em um nível mais profundo, envolvendo questões relacionadas à choques culturais, tabus sociais e à complexidade das emoções humanas. A análise proposta visa, portanto, oferecer uma compreensão mais rica e detalhada da obra, que ultrapassa o terror tradicional, o que não é possível de se ver na tela.

104

2. Fundamentação teórica

Na análise do filme "Midsommar" de Ari Áster, dois textos fundamentais de Sigmund Freud servem como base teórica: "O Estranho" (1919) e "Totem e Tabu" (1913). Ambos os textos oferecem conceitos que ajudam a entender as complexas dinâmicas culturais e sociais apresentadas no filme, explorando temas de estranhamento, repressão e tabus sociais.

2.1. O Estranho (Freud, 1919)

No ano de 1919, o psicanalista Sigmund Freud publicou *Das Unheimliche*, que no Brasil foi traduzido como *O Inquietante e O Estranho*. Unheimlich - Un (modo de negar) + heimlich (familiar), quer dizer, na língua alemã, negação daquilo que é familiar.² “O Unheimlich está

² “A palavra heimlich não deixa de ser ambígua, visto que pertence a dois conjuntos de ideias que são diferentes, sendo que, por um lado, pode significar o que é familiar e agradável e, por outro, o que está oculto e se mantém fora de vista.” (BARTILOTTO, 2020, p.4).

relacionado com o que é assustador, com o que provoca medo e horror, entretanto é aquilo que foi um dia familiar.” (BARTIJOTTO, 2020, p.4). Com base nesse conhecimento, podemos afirmar que o novo pode facilmente parecer assustador e estranho, uma vez que tendemos a associar o que é 'estranho' ao desconforto e ao medo por não ser familiar ou conhecido. Essa teoria freudiana serve como base para explicar o uso da sensação de desconforto e sua aplicação como ferramenta no filme “Midsommar”, objeto de estudo deste artigo. Ao analisar essa sensação de mal-estar, Freud sugere que a ruptura na rotina tranquila e racional da vida cotidiana se transforma no elemento que desperta o estranho, o perturbador e o desconforto.

A experiência do "estranho" é uma interseção de familiaridade e estranheza, onde o que deveria ser seguro se torna perturbador. Freud estuda a psicologia do medo e da inquietação, analisando como o "estranho" é construído a partir de experiências reprimidas, ambivalências emocionais e a relação com o desconhecido. Esse texto fornece uma base teórica que tem sido frequentemente aplicada em análises literárias e cinematográficas sobre horror e estranheza.

Aplicando esse conceito ao cinema, percebe-se como uma obra pode despertar em nós sensações intensamente desconfortáveis e perturbadoras, criando uma experiência que ao mesmo tempo que fascina também aterroriza. Essa dinâmica ocorre, em grande parte, porque o espectador é levado a uma dimensão de familiaridade onde o que inquieta e parece incompreensível está disfarçado por algo estranhamente próximo e reconhecível, ainda que de maneira inconsciente. Como definido por Freud: “‘O inquietante’ é um desses domínios. Sem dúvida, relaciona-se ao que é terrível, ao que desperta angústia e horror, e também está claro que o termo não é usado sempre num sentido bem determinado, de modo que geralmente equivale ao angustiante” (FREUD, 2010, p. 329- 330).

2.2 Totem e Tabu (Freud, 1913)

“Totem e tabu” (1913) foi um dos livros preferidos de Freud e ao mesmo tempo um dos mais criticados principalmente pelos antropólogos. No prefácio da obra, Freud a qualifica como “uma primeira tentativa de minha parte de aplicar o ponto de vista e as descobertas da psicanálise a problemas não solucionados da psicologia social” (Freud, 1913). A obra se debruça sobre as origens da civilização, da religião e das normas sociais, articulando essas temáticas com a teoria psicanalítica.

A tese central de Freud é a de que, em tempos primitivos, os seres humanos viviam em pequenas hordas organizadas sob o poder absoluto de um macho dominante, que controlava o acesso às fêmeas e exercia autoridade irrestrita. Quando os machos mais jovens cresciam, eram expulsos da horda, sendo forçados a encontrar parceiras fora do grupo, estabelecendo assim novas hordas por meio de relações exogâmicas.

Freud postula que, em um momento decisivo da história humana, os irmãos expulsos uniram forças e retornaram à horda de origem. Juntos, mataram o pai dominante e devoraram seu cadáver, um ato carregado de simbolismo. A motivação era clara: apropriar-se das prerrogativas do pai, que incluíam o controle sobre as mulheres e o exercício irrestrito do poder. Contudo, após esse ato de violência fundacional, os irmãos foram tomados pelo remorso. Reconheceram que a liberdade total poderia levar à destruição mútua, dado o potencial de conflitos entre eles mesmos. Assim, estabeleceram um pacto: proibiram-se de matar uns aos outros e impuseram restrições às relações sexuais dentro do mesmo clã.

A nova ordem social que emergiu foi estruturada em torno do totemismo. O totem, um símbolo ou ancestral reverenciado pelo clã, tornou-se um substituto simbólico do pai morto. Através da adoração ao totem, os membros da comunidade mantinham viva a memória do pai e reafirmavam os preceitos organizadores que sustentavam a convivência social. A proibição do incesto e a interdição do assassinato tornaram-se pilares fundamentais dessa nova organização, que deu origem à cultura e à religião.

Dessa forma, Freud acrescenta que no lugar do pai morto levantou-se um totem, e este passou a representar a proibição da ocupação deste lugar de dominância. A relação dos membros do clã com o totem seria marcada principalmente por aspectos ambivalentes. A ambivalência estaria presente tanto no desejo de transgredir a proibição de preencher o lugar vazio deixado pelo pai, como nas restrições que atuam sobre este desejo. O totem, que poderia ser um animal ou objeto, representaria então aquilo que se admira e se respeita, ao mesmo tempo em que se ataca e se evita.

O segundo artigo de “Totem e Tabu”, chamado “Ambivalência dos sentimentos”, propõe apresentar características do tabu: uma proibição que se impõe por si mesma, sem fundamento lógico.

Tabu é uma palavra polinésia cuja tradução nos apresenta dificuldades, já que não mais detemos o conceito por ela designado (...). Para nós, o significado do tabu decompõe-se em duas direções contrárias. Por um lado, significa "sagrado", "santificado", e, por outro, "sinistro", "proibido", "impuro". (FREUD, 2024, p. 35)

Trata-se de uma série de restrições às quais os povos estão submetidos, sem terem conhecimento do porquê da existência destas restrições. Porém, estão cientes de que caso ocorra uma transgressão, sofrerão punições. Portanto, tabu se refere tanto às pessoas, como a lugares, objetos e estados passageiros que são depositários dessas características. "algo simultaneamente sagrado, acima do habitual, e perigoso, impuro, inquietante" (FREUD, 2024, p. 39). Wundt³ classifica o tabu como o mais antigo código de leis não escritas da humanidade, vai além de qualquer deus que antecede qualquer religião.

A própria crença do tabu originário em um poder demoníaco, que está oculto no objeto cujo contato ou uso não é permitido é vingado mediante o enfeitiçamento do infrator, vem a ser, precisamente, e de modo inteiro e exclusivo, o medo objetivado. Este ainda não se separou nas duas formas que assume num estágio desenvolvido: a reverência e a aversão (FREUD, 2024, p. 43).

107

3. Metodologia de pesquisa

A metodologia adotada para esta pesquisa se baseia em uma abordagem interdisciplinar, combinando ferramentas da análise fílmica, análise narrativa e estudo da construção de personagens. Essa combinação visa estudar de forma aprofundada o filme "Midsommar" (2019), explorando tanto seus aspectos narrativos quanto seus elementos cinematográficos. A análise fílmica será empregada para identificar e detalhar os recursos narrativos e visuais que contribuem para a criação de um senso de estranhamento e desconforto, características centrais da obra. Além disso, o estudo do roteiro e da direção será essencial para contextualizar os eventos que fundamentam a atmosfera perturbadora do filme.

No escopo desta pesquisa, a análise narrativa será usada para entender a construção da protagonista, Dani, com foco em suas motivações e decisões ao longo da trama. Através dessa

³ Wundt em "Psicologia dos Povos", 1906

abordagem, pretende-se compreender como suas experiências e transformações psicológicas justificam suas escolhas no desfecho do filme. Para isso, serão examinadas cenas específicas que ilustram a construção do desconforto por diferentes meios. Entre elas, destaca-se a cena do sacrifício, onde elementos grotescos e a ruptura de valores éticos e morais são expostos de maneira explícita. Já na cena em que Dani é coroada Rainha de Maio, o desconforto é sugerido de forma mais sutil, à medida que a personagem transcende seu papel inicial para se tornar o próprio tabu. Por outro lado, a cena de nudez explícita provoca uma perturbação particular, ao contrastar a naturalidade com que os moradores da vila vivenciam o nudismo com a percepção de algo profano por parte do espectador.

Além da análise direta das cenas do filme, a pesquisa se apoia em referências teóricas retiradas de textos de Freud, como "Totem e Tabu" e "O Estranho". Esses textos serão utilizados para embasar a interpretação das dinâmicas de estranhamento presentes no filme, ampliando a compreensão do desconforto para além de elementos visíveis como o grotesco ou o repulsivo. Freud oferece ferramentas conceituais para explorar o modo como o estranhamento opera em níveis mais profundos da psique, evocando respostas emocionais e reflexões culturais.

As metodologias foram selecionadas para proporcionar uma análise ampla e multifacetada da obra, abordando aspectos estéticos, narrativos e psicológicos. Essa abordagem permitirá compreender como "Midsommar" utiliza o estranhamento não apenas como recurso narrativo, mas também como uma estratégia para explorar o desconforto gerado pela quebra de normas sociais, valores culturais e tabus morais. Assim, a pesquisa busca oferecer uma visão aprofundada sobre o impacto do filme no espectador, elucidando como a construção do desconforto é utilizada como meio para desafiar e subverter expectativas culturais e narrativas.

4. Análise fílmica

A narrativa de "Midsommar" coloca o espectador em contato com o universo de Dani e trabalha a visão dos acontecimentos através dela. Por isso, considero necessário explicar parte de sua trajetória. Dani acaba de passar por um grande trauma, o suicídio de sua irmã e a morte de seus pais. Assim como o que é estranho, a solidão é um sentimento que pode causar o

desconforto já que está diretamente ligada ao sentimento de não pertencer ao mundo que nos cerca. Para Pittman (1977) “solidão significa um sentimento de estar separado dos outros, um sentimento de não totalidade, sendo, muitas vezes, não construtivo, desintegrativo e sem objetivo orientado”.

À medida que a narrativa avança, observamos a dinâmica do relacionamento entre Dani e Christian, marcada por um evidente desequilíbrio afetivo. O retrato de um relacionamento amoroso disfuncional intensifica o desconforto do espectador, gerando uma sensação de mal-estar. Esse desconforto é evidenciado pela infelicidade compartilhada dos personagens, tanto como indivíduos quanto como casal, uma característica que emerge desde as cenas iniciais do filme. Christian, insatisfeito com sua trajetória profissional, parece permanecer ao lado de Dani mais por obrigação ou compaixão do que por afeto genuíno. Dani, por sua vez, enfrenta um profundo sentimento de abandono e solidão, agravado por seus traumas psicológicos.

A construção da solidão e do sofrimento emocional de Dani em “Midsommar” pode gerar empatia no espectador ao criar uma conexão íntima entre suas experiências e os sentimentos universais de abandono e vulnerabilidade. A empatia surge porque muitos espectadores podem considerar, em diferentes graus, o isolamento emocional que Dani vivencia — seja a sensação de não ser compreendido, a perda de entes queridos ou a falta de reciprocidade nas relações afetivas.

Dani enfrenta um luto profundo e um vazio emocional, elementos que apelam à experiência humana universal da dor e da perda. Ao assistir à sua jornada, o espectador é convidado a projetar suas próprias experiências ou medos relacionados a situações semelhantes.

Em “Midsommar”, a solidão de Dani é um elemento central que contribui para o incômodo das cenas que envolvem a personagem. Evidenciando sua fragilidade emocional e também reforçando o impacto psicológico do filme, ao explorar como a desconexão e o isolamento afetam profundamente a protagonista, deixando-a mais vulnerável aos fatos que irei analisar.

Ser coroada Rainha de Maio coloca Dani em uma posição de respeito entre os habitantes de Hårga. A partir desse momento, os sentimentos de Dani ganham destaque e passam a ter grande importância para o destino dos moradores da vila. Como rainha, Dani

lidera o ritual final: nove pessoas serão sacrificadas, e, além dos voluntários, ela tem o poder de escolher mais uma pessoa. Dani opta por Christian, que é envolto no corpo de um urso. Os corpos dos amigos, dos voluntários e de Christian - ainda vivo - são colocados em uma estrutura amarela em forma de pirâmide, que é incendiada, queimando todos lá dentro. Do lado de fora, os habitantes de Hårga se debatem e gritam, enquanto Dani observa friamente, até que um sorriso surge em seu rosto.

Pela primeira vez, Dani sente que pertence a algum lugar. No entanto, a empatia do espectador por ela se desfaz ao perceber esse pertencimento a uma comunidade que, desde o início, foi marcada pela estranheza. Dani agora se identifica com uma cultura vista como "errada" e "grotesca", confirmando o tabu que envolve o Totem de uma sociedade cujos valores são divergentes dos padrões convencionais. Isso provoca uma aversão não só pela cena "chocante", mas também pela transformação final da personagem. "Também sabemos que quem transgride um tabu pelo contato com algo que é tabu torna-se ele próprio tabu, e a ninguém é permitido o contato com ele" (FREUD, 1913).

110



Figura 1: Cena final do filme Midsommar

A atmosfera também é construída a partir dos elementos culturais e característicos do povo que vive ali, sendo um fator por trás do estranhamento e desconforto sentidos pelos personagens e pelo público.

Em “Midsommar”, a chegada dos personagens à vila desperta inicialmente sentimentos de admiração e encanto, especialmente em Dani, que se impressiona com a receptividade e a beleza do local. No entanto, à medida que o filme avança, tanto os personagens quanto o espectador começam a sentir desconforto devido às diferenças culturais entre a vila e o que é familiar a eles. O contato que parecia instigante se transforma em frustração diante de práticas que desafiam valores morais e éticos. “O estranho é frequentemente associado ao que é proibido, ao tabu, ao que deveria permanecer oculto.” (FREUD, 1919).

Em determinado momento da história, um dos rituais presenciados pelos personagens envolve o sacrifício de um casal de idosos que alcançaram a “idade limite” e por consequência pulam de um penhasco para a morte. A cena acontece enquanto todos os demais personagens, incluindo a população da vila, assistem. É importante ressaltar que o choque cultural⁴, como causador de desconforto, é experimentado pelos personagens vindos de fora bem como pelos espectadores, que também desconhecem aquela cultura.

Uma senhora se atira do penhasco. A cena é explícita e mostra, em câmera lenta, o momento em que seu rosto atinge uma pedra no chão, levando à morte instantânea da mulher. Logo em seguida um senhor segue o mesmo caminho, porém, ao contrário da mulher, seu corpo permanece vivo e agonizando no chão pedregoso do local. Os personagens da vila acompanham o sofrimento do senhor, algumas pessoas usam uma marreta para acertar o crânio do personagem, levando-o a óbito.

O contraste entre as reações dos moradores e dos visitantes é marcante. Enquanto a comunidade observa o ritual com serenidade, tratando-o como uma prática cultural de encerramento da vida, os visitantes, em choque, reagem com horror e pânico. É a primeira vez que a atmosfera lúdica da vila se desfaz aos olhos de Dani, mostrando uma realidade diferente do que se era esperado por ela. É possível dizer que o mesmo ocorre com o espectador,

⁴ O conceito de choque cultural pode ser entendido como a sensação de estranhamento ou desconforto que ocorre quando indivíduos ou grupos de diferentes culturas entram em contato.

causando uma perturbação. O que é visto como suicídio na sua cultura de origem, é observado como um encerramento físico na cultura de chegada. Em Totem e Tabu de Freud:

Do conceito de Tabu, Wundt afirma que “compreende todas as práticas em que se expressa o horror ante determinados objetos relacionados com representações do culto ou com ações que a eles se refiram” (FREUD, 1913. p 40).



Figura 2: Cena do primeiro ritual

Além das cenas violentas, o explícito em “Midsommar” também se revela nos momentos de vulnerabilidade dos personagens por meio da nudez. “O estranho pode emergir quando o mais íntimo do corpo se torna um objeto exteriorizado.” (FREUD, 1919). O diretor utiliza o nudismo para causar estranhamento, refletindo nossa aversão ao que é exibido de forma aberta. Assim, a exposição do corpo no cinema pode gerar reações variadas nos espectadores, dependendo da abordagem e do contexto cultural e religioso de cada lugar.

Os habitantes da vila sueca em “Midsommar” enxergam a nudez e o sexo como elementos culturais. Para eles, o ato sexual é sagrado, e toda vez que uma mulher deseja engravidar, ele é celebrado por meio de um ritual. Durante a trama, uma jovem da vila se interessa por Christian, namorado de Dani, e o escolhe como potencial pai de seu filho,

utilizando runas e bebidas alucinógenas para atraí-lo. Enquanto Dani cumpre suas funções como Rainha de Maio, Christian é guiado até uma das construções onde encontra a jovem interessada e um grupo de mulheres nuas, todas incentivando o ato sexual entre eles. A cena é extensa e também explícita, os gemidos das participantes e a naturalidade com que tratam a situação causam desconforto. Por ser uma das últimas cenas do filme, o grotesco já está tão consolidado na narrativa que a cena em si ultrapassa a angústia, levando a uma grande perturbação no espectador.

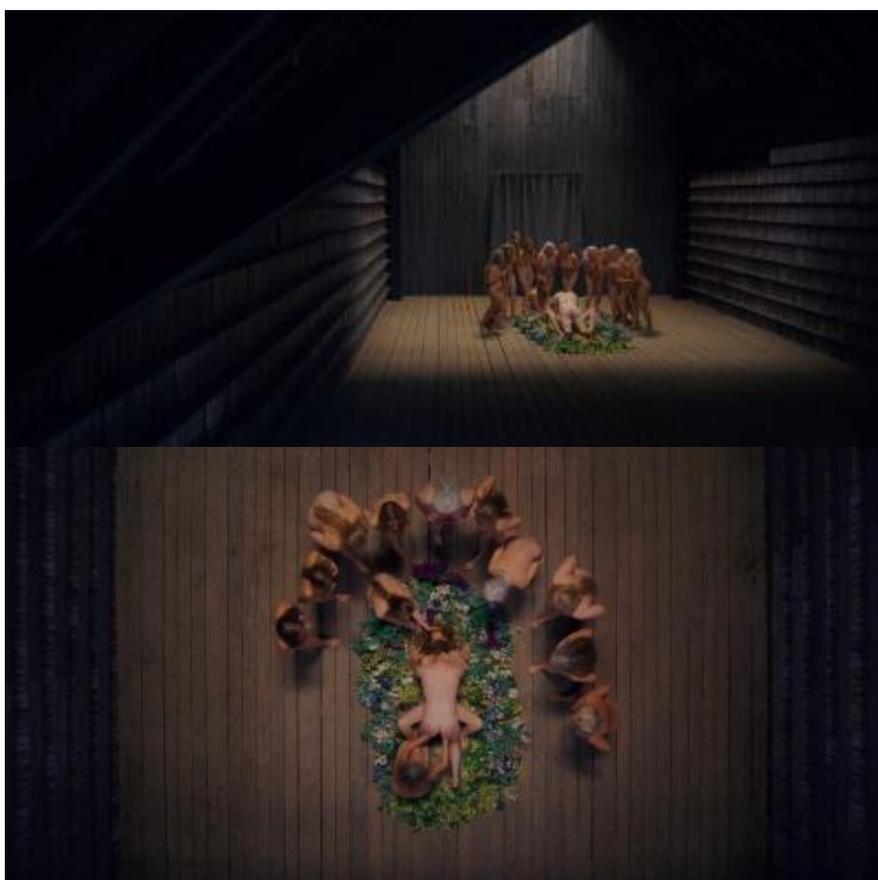


Figura 3: Cena do ritual de acasalamento

5. Considerações finais

Este artigo, que teve como objeto de estudo o filme “Midsommar” (2019), dirigido por Ari Aster, analisou como a obra aborda temas universais, como luto, pertencimento e transformação emocional, ao mesmo tempo em que redefine o medo por meio de sensações

como desconforto, angústia e perturbação, afastando-se do susto tradicional no gênero de horror.

A análise examinou como a narrativa incorpora elementos do conceito freudiano do *unheimlich* (estranho), que descreve aquilo que é simultaneamente familiar e perturbador, provocando desconforto psicológico. Além disso, o filme é permeado por reflexões sobre tabus sociais e culturais, particularmente ao apresentar rituais fictícios que desafiam os limites éticos e confrontam noções ocidentais de normalidade. Esses rituais não apenas provocam horror, mas também questionam as dinâmicas de poder, sacrifício e pertencimento dentro de comunidades fechadas. O artigo analisou como “Midsommar” conecta esses elementos com simbolismos visuais e narrativos, criando uma experiência que ultrapassa o terror convencional e adentra o campo do horror psicológico e antropológico.

A abordagem interdisciplinar buscou compreender como o filme dialoga com conceitos como tabu e o estranho, articulando esses elementos para construir uma narrativa densa e emocionalmente impactante, que desafia tanto os personagens quanto os espectadores a confrontarem seus próprios limites e fragilidades. “O horror de Midsommar está no não pertencer e na visão estrangeira de nem querer pertencer.” (LEHNEMANN, 2022, p. 170).

A hipótese que pode ser concluída sobre a construção do desconforto em “Midsommar” é que o filme utiliza a combinação de elementos visuais, narrativos e culturais para criar uma experiência de estranhamento que desestabiliza tanto os personagens quanto os espectadores. Ao confrontar o público com práticas culturais e morais que fogem à sua familiaridade, o filme trabalha com o conceito freudiano do “estranho” (*unheimlich*), gerando desconforto ao mesclar o que parece familiar com o que é perturbadoramente diferente. Isso revela o impacto do choque cultural e a fragilidade de valores universais em situações limítrofes.

A construção social do espectador faz parte como um recurso para a própria construção do desconforto dentro da narrativa de “Midsommar”. Essa construção é amplificada pelo uso do fora de tela⁵ como um mecanismo que integra a construção social do espectador à

⁵ Fora de tela é um recurso narrativo e estilístico que representa no cinema elementos importantes para a narrativa ou para a criação onde não são mostrados diretamente ao espectador, mas estão implícitos ou sugeridos. Esse conceito está relacionado ao espaço fora do quadro, àquilo que está além dos limites visuais da câmera.

narrativa. A obra desafia os valores e normas internalizados pelo público, fornecendo ações e eventos que chocam precisamente porque contrastam com o que se entende como aceitável ou moralmente compreensível em suas culturas de origem.

O fora de tela, nesse contexto, não apenas sugere violência ou hábitos estranhos, mas posiciona o espectador como cúmplice de uma interpretação ativa, confrontando-o com dilemas éticos e culturais. Mesmo apresentando cenas explícitas, o filme força o público a preencher lacunas com suas próprias referências sociais, intensificando o desconforto. Assim, a construção social do espectador — incluindo suas crenças, valores e preconceitos — torna-se parte essencial do impacto narrativo, conectando o desconforto diretamente às normas culturais desafiadas pelo filme.

Referências

BARTIJOTTO, Juliana. **Sobre o Unheimlich: entre a Literatura e a realidade da mídia.** *Análise Psicológica*, [S.l.], v. 10, n. 18, p. 181-191, 2020. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/analytica/v10n18/v10n18a09.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2024.

BENTO, Victor Eduardo Silva. Totem e tabu: uma "semiologia psicanalítica" em Freud? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 23, n. 3, p. 327-336, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2007000300011>. Acesso em: 19 jun. 2024.

BEZNOSAI, Bárbara. **Pós-terror?** Uma análise sobre o termo e uma reflexão sobre o atual momento dos filmes de terror. 2019. Monografia (Graduação em Cinema e Audiovisual) — Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. Disponível em: [https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/12341/Barbara_Beznosai_\(2019.1\).pdf?sequence=1](https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/12341/Barbara_Beznosai_(2019.1).pdf?sequence=1). Acesso em: 19 jun. 2024.

ELEMENTOS de psicologia dos povos: o princípio da linguagem e o pensamento do homem primitivo. **Psicologia em Estudo**, v. 37, p. 162-171, 2019. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n37/n37a10.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2024.

FREUD, Sigmund. O estranho (*Das Unheimliche*). 1919. In: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 17.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu**. São Paulo: Edipro, 2024.

KRZNNARIC, Roman. **O Poder da Empatia**. Zahar, Rio de Janeiro, 2015.

LEHNEMANN, Andrey Kolling. **Midsommar**: a morte como objeto transformador e a identidade comunitária. In: RIPOLL, Leonardo; OSELAME, André; BISOL, Ricardo (Org.). *Violências várias: estudos da brutalidade no cinema*. Porto Alegre: Editora PPGCOM/UFRGS, 2022. p. 170-182.

MACHADO, Rafael Siqueira; BOVE, Adrielle Luchi Coutinho. **Entre cinema e antropologia**: parentesco e animismo em *Midsommar*, de Ari Aster. *CSONline - Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, n. 33, p. 98-114, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/30202/22264>. Acesso em: 19 jun. 2024.

MIDSOMMAR. Direção: Ari Aster. Produção: A24. EUA, 2019. 147 min.

NETTO, Letícia Rodrigues Ferreira. **Choque cultural**. *InfoEscola*, 2024. Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociologia/choque-cultural/>. Acesso em: 19 jun. 2024.

PINHEIRO, Ângela de Alencar Araripe; TAMAYO, Álvaro. Conceituação e definição de solidão. *Revista de Psicologia*, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 57-71, 1984. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10614/1/1984_art_aaapinheiroatamayo.pdf. Acesso em: 19 jun. 2024.